

Ana Maria Azevedo

PASSADO  
E PRESENTE



**Blucher**

# PASSADO E PRESENTE

Ana Maria Azevedo

Série Escrita Psicanalítica

Coordenação: Marina Massi

*Passado e presente*  
Série Escrita Psicanalítica  
© 2020 Ana Maria Azevedo  
Editora Edgard Blücher Ltda.

*Publisher* Edgard Blücher  
*Editor* Eduardo Blücher  
*Coordenação editorial* Bonie Santos  
*Produção editorial* Isabel Silva, Luana Negraes  
*Preparação de texto* Bárbara Waida  
*Diagramação* Negrito Produção Editorial  
*Revisão de texto* Cristine Akemi  
*Capa* Leandro Cunha  
*Aquarela da capa* Helena Lacreta  
*Fotografia da capa* Arquivo pessoal

---

# Blucher

---

Rua Pedroso Alvarenga, 1245, 4º andar  
04531-934 – São Paulo – SP – Brasil  
Tel.: 55 11 3078-5366  
**contato@blucher.com.br**  
**www.blucher.com.br**

Segundo o Novo Acordo Ortográfico, conforme  
5. ed. do *Vocabulário Ortográfico da Língua  
Portuguesa*, Academia Brasileira de Letras,  
março de 2009.

É proibida a reprodução total ou parcial por  
quaisquer meios sem autorização escrita da  
editora.

---

Todos os direitos reservados pela Editora Edgard  
Blücher Ltda.

Dados Internacionais de Catalogação  
na Publicação (CIP)  
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

---

Azevedo, Ana Maria  
*Passado e presente* / Ana Maria Azevedo.  
– Série Escrita Psicanalítica / coordenação de  
Marina Massi – São Paulo : Blucher, 2020.  
452 p.

Bibliografia  
ISBN 978-85-212-1929-3 (impresso)  
ISBN 978-85-212-1930-9 (eletrônico)

1. Psicanálise. I. Título. II. Massi, Marina.  
III. Série.  
20-0268 CDD 150.195

---

Índices para catálogo sistemático:  
1. Psicanálise

# Sumário

Prefácio	11
Apresentação	17
Introdução	25
<b>Parte I. Reflexões teóricas</b>	<b>31</b>
Investigação e processo analítico	33
O modelo da colonização na psicanálise latino-americana	49
Corpo, fantasia, representação	63
A reflexão do analista: a ampliação do campo de observação em psicanálise	75
A representação das pulsões nos sonhos	87
Representação/ato: a representação e seus limites	99
A pulsão de morte	109
O presente: <i>caesura</i> entre o passado e o futuro	121

A teoria da transferência e a compulsão à repetição	131
Considerações sobre o tempo	145
<b>Parte II. Trabalhos clínicos revisitados e comentários atuais</b>	<b>169</b>
Considerações em torno de uma experiência	171
Modelos e conjecturas: transformações do analista frente ao material clínico	193
Mudanças	215
Evoluções	255
Édipo: mito e complexo	283
O mesmo e o outro	315
A interpretação dos sonhos na validação do processo clínico psicanalítico	331
<b>Parte III. Trabalhos clínicos recentes</b>	<b>359</b>
Trauma e processos de mudança	361
A representação psíquica e o trabalho de figurabilidade no analista	383
Dor psíquica: limites do analisável	407
O barulho do silêncio	421
Considerações finais	439
Referências	443
Índice remissivo	455

# Introdução

*O esmaecimento dessa memória é necessário, para que seja possível escrever . . . a subjetividade pode ser concebida como uma temporalidade, poder-se-ia dizer, a temporalidade da metáfora (Fédida, 1985, p. 78, tradução minha)*

É com o passar do tempo que nos voltamos com maior interesse para o que foi nossa vida, talvez como uma forma de tentar entender melhor quem somos agora, no futuro de nossa existência, esta muito mais curta do que poderíamos imaginar no passado.

As referências ao tempo ficam difíceis, pois, muitas vezes, o distante nos parece tão próximo, e o ainda não acontecido, inimaginável! Na verdade, a escolha e a proposta deste título, *Passado e presente*, só podem ser concebidas e agora compreendidas se levarmos em conta a ideia de tempo.

No entanto, não é desse tema que tratará este escrito, embora implicitamente ele esteja presente o tempo todo. Pois escrever se trata sempre de um “passado-presente”, uma vez que é uma

transposição para o papel daquilo que já foi, e que é recuperado para imediatamente de novo se tornar passado. Esta é a ideia deste pequeno livro – recuperar para, ao rever o já feito, retomá-lo e dizê-lo de outra forma, remetendo-o imediatamente ao passado.

Ao iniciar esta empreitada, recuperando meus escritos antigos, chamou minha atenção o primeiro deles: ao relê-lo há poucos dias, vivenciei um sentimento agradável, de surpresa e de um certo espanto! Cheguei mesmo a duvidar do exato momento dessa produção, pois sua atualidade, as preocupações que aí se delineavam, as hipóteses contidas em suas palavras diferenciavam-se pouco do que 40 anos depois, no futuro do passado, se mostraria presente nesta mesma mente, já envelhecida, mas também enriquecida pelo contato com tantas outras ideias, personagens e teorias psicanalíticas.

Considerando essa surpresa e esse espanto que de mim tomaram conta na releitura das minhas origens, surgiram-me na mente as figuras de meus mentores psicanalíticos, de meus colegas e também das minhas atividades, essas últimas responsáveis por grande parte de minhas andanças pelo mundo, que sem dúvida possibilitaram que, no longo prazo, a “viagem” se tornasse interessantíssima e valiosa. No entanto, não é disso que se trata aqui, de minhas experiências de vida, de meus contatos com o mundo, que, apesar de terem sua importância, não são, nem serão, objeto de qualquer interesse dos colegas e daqueles que possam vir a se interessar, no agora, por esta tentativa de comunicação.

O impacto da teoria freudiana, no meu ponto de vista, é, e foi, equivalente ao da descoberta do átomo, a menor das partículas, porém a mais importante na constituição de qualquer estrutura, de qualquer corpo existente. Percebo que hoje, após tantos anos, consigo não apenas conhecer melhor esse iniciador das minhas pretensões, Sigmund Freud, como também admirá-lo mais ainda,

reconhecendo em sua genialidade a origem de todos os questionamentos e de todas as hipóteses e as teorias por mim constantemente formuladas.

Essa origem no passado não era tão clara, e levou muito tempo para que se delineasse à minha frente o fio condutor existente, sem que dele eu me desse conta até há pouco. Penso que é a essa descoberta que devo a ideia de escrever alguma coisa que pudesse ser minimamente interessante para aqueles que tiverem a paciência de me acompanhar.

A proposta não é fácil: falar do que sempre esteve presente, mas nunca pôde ser considerado, a não ser longinquamente, abstratamente, como o trópico de Capricórnio, anunciado por uma placa ao lado de uma rodovia. Ninguém discute sua existência, tampouco se preocupa muito com ela, pois essa presença estará sempre lá, não se move, não se questiona, a não ser que a existência do globo terrestre, seus parâmetros e suas coordenadas se alterem. Para isso, sem dúvida, mais que a duração de uma vida, como a minha, seria necessário.

Os primeiros autores psicanalíticos que chamaram minha atenção foram Melanie Klein e Wilfred Bion. A leitura de Freud já vinha sendo feita há bastante tempo, no entanto, sua obra parecia-me tão extensa e tão complexa que não conseguia aventurar-me em hipóteses clínicas a partir de suas propostas teóricas.

Equívoco enorme, mas de fato foi isso o que aconteceu, e hoje penso que talvez minha precaução e meu medo em relação à transposição na clínica de seus conceitos eram, e são, compreensíveis. Freud, durante sua magnífica obra, se contradiz em muitos momentos, se revê e modifica suas posições, enquanto em outros formula novas hipóteses; de fato, ou se conhece muito Freud ou é melhor continuar a estudá-lo e aguardar uma apreensão mais ampla, antes de tentar fazer uso de suas colocações e ideias!



Já a teoria kleiniana parece quase como se nascesse da clínica, seus conceitos e suas colocações têm correlações clínicas, sua linguagem é mais acessível, e, pelo menos para mim, foi mais possível começar com Klein. Na verdade, acredito que eu tenha mais afinidade com a escrita de Klein que com Freud, que é um autor denso, ligado às questões de seu tempo e da humanidade, incansável leitor dos autores clássicos. A clínica sempre foi preponderante em meu trabalho, nunca tive dúvidas de que esta deveria ocupar a maior parte de minhas atividades.

Como mencionei antes, a releitura de meu primeiro trabalho, “Considerações em torno de uma experiência”, publicado neste livro, pareceu-me tão estimulante que poderia aproximá-lo aos textos escritos 30 anos depois, como “Mudança psíquica e sonhos”, em 1990, ou “Interpretação: revelação ou criação”, em 1996. Aproximá-lo e, principalmente, reforçar minha hipótese de que nossos interesses, nossas aproximações à experiência, nada mais fazem senão percorrer o caminho de certa forma presente em nossa alma desde muito tempo. Escrevemos sempre sobre aquilo que precisamos elaborar e conhecer.

Desenvolverei no decorrer deste livro mais algumas ideias sobre esse ponto; no momento, pretendo apenas considerar o desenvolvimento apresentado em meus trabalhos, que se aproxima do que Wilfred Bion denominou “transformações” (1965), ideia esta já tratada por Freud, embora de outra perspectiva, quando ele nos propõe considerar e pensar na filogênese e na ontogênese.

Ao fazer uso do termo desenvolvimento, suponho a ideia de que não necessariamente este signifique progresso. O desenvolvimento de um tema musical, por exemplo, numa sinfonia ou num concerto, se refere às inúmeras variações que o autor consegue criar: é nesse sentido que faço uso da palavra desenvolvimento, como “variações sobre um tema”, sendo o tema “o humano”.

No início do trabalho clínico revisitado, “Considerações em torno de uma experiência”, uma epígrafe menciona o trabalho freudiano *O “estranho”* (1977/1919). Durante o desenrolar do texto não são apresentadas outras citações ou ideias desse mesmo autor, e fica aqui a indagação: por que iniciar um texto com Freud se dele não se iria falar? Ou será que em algum momento falamos de outra coisa que não de Freud?

A partir dessa perspectiva, optei por selecionar e apresentar inicialmente nesta publicação algumas das reflexões teóricas que elaborei em meu percurso, para em seguida visitar os textos clínicos escritos no decorrer de minha trajetória, aqueles que mais aprecio e que me parecem interessantes. Posteriormente, acrescento a cada um desses textos uma reflexão a partir de outro vértice, preponderantemente freudiano. Denominei a essas reflexões “comentários atuais”, pois o tema que será aí desenvolvido decorre de uma nova leitura minha.

Agradeço principalmente a Marina Massi, dedicada colega da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, responsável pelo projeto e pela criação de uma coleção psicanalítica constituída por obras dos analistas brasileiros paulistas, que sem dúvida muito me encorajou e contribuiu para o sucesso deste projeto. Agradeço também a Ester Zita Botelho, que me ajudou na construção e na edição deste novo volume da série *Escrita Psicanalítica*.

A viagem foi longa, empreendida com o auxílio das colegas mencionadas, porém o mais interessante e o mais rico dessa experiência, penso eu hoje, é provavelmente a descoberta de ter percorrido o texto freudiano sem o saber, de quase tê-lo redescoberto enquanto passando pelos meandros da clínica e da teoria psicanalítica, tendo sido necessário para isso toda uma vida de estudo e de trabalho.

# Investigação e processo analítico<sup>1</sup>

*Apesar dos avanços da ciência recentemente, os métodos empregados pelo trabalho científico estão sob escrutínio crítico . . . nas ciências naturais, as teorias da mecânica quântica têm perturbado o conceito clássico de um mundo objetivo de fatos estudados objetivamente. (Bion, 1992, p. 84, tradução minha)*

Cem anos atrás, quem caminhasse pelo campo numa noite de verão, pouco além de Bromley, no Kent, poderia presenciar uma cena notável. Na estufa de uma das maiores e mais feias casas do bairro, veria um homem alto, com cerca de 60 anos, curvado sobre vasos de plantas. A seu lado, um homem mais moço também absorvido tocando fagote. Eram Charles Darwin e seu filho Frank fazendo uma experiência científica.

---

1 Uma versão anterior deste capítulo foi apresentada em 1990 em mesa redonda durante o XVIII Congresso Latino-Americano de Psicanálise da Federação Psicanalítica da América Latina (FEPAL).

Darwin queria saber exatamente por que uma planta carnívora fecha suas folhas para aprisionar uma mosca, e para isso examinava metodicamente causa por causa. O som não parecia uma causa provável, mas poderia explicar a reação da planta, e Darwin não era homem de deixar sem investigação qualquer hipótese. Já tentara a areia, a água e agora era a vez do fagote de Frank.

Darwin não chegou a identificar o mecanismo pelo qual a planta carnívora aprisiona suas vítimas, mas quase o conseguiu e a geração seguinte completou a investigação. Isso era o bastante para ele.

O método utilizado por Darwin vem sendo chamado de procedimento científico de investigação. É o método da experimentação, das tentativas de acerto e erro, da verificação das hipóteses pela lógica da observação e pelo acompanhamento de seus efeitos. Um fato é observado e considerado, uma relação de causa e efeito é estabelecida, e uma teoria é criada e desenvolvida a partir daí.

Todo raciocínio relacionado com causa e efeito se baseia na experiência, em sua observação exaustiva e constante, e toda reflexão ou conclusão fundada nessa experiência admite a pressuposição de que o curso dos fenômenos continuará se repetindo de forma imutável. Um hábito se cria, um ponto de vista se desenvolve considerando que o futuro será como o passado.

A ciência nos séculos XVIII e XIX em grande parte seguiu esse modelo, considerando como procedimento científico o que incluísse em seu método experimentação, verificação e prova. Sabemos, no entanto, que muito vem se acrescentando a esse modelo, que basicamente brotou e se desenvolveu em relação às ciências naturais, e que o século XX o alterou substancialmente.

Não falamos apenas de uma mudança do método dedutivo para o indutivo, nem mesmo da preocupação atual de nossos

métodos científicos com as relações entre os fatos, com sua forma, sua estrutura e seu funcionamento. Consideramos que o grande salto dado pela ciência no século XX liga-se à inclusão, em seu campo, da criatividade e da imaginação como valores substanciais. Quem propõe uma teoria faz uma escolha, mas uma escolha que, além dos fatos ou junto à observação dos fatos, é uma opção criativa formulada a partir de hipóteses especulativas.

Para usar uma linguagem mais formal, diríamos que não é mais possível elaborar uma teoria científica a partir dos fatos mediante um procedimento postulado, *a priori*, maquinalmente. Para quem propõe uma teoria, sua conclusão parece ser inevitável. Mas a teoria é inevitável apenas para quem a sugere, porque foi escolhida pessoalmente dentre muitas alternativas possíveis.

Quando Max Planck sugeriu a descontinuidade da radiação térmica, não foi guiado apenas por fatos experimentais. Estes mostram apenas que a radiação térmica não é contínua, mas não indicavam como única alternativa de interpretação e formulação os *quanta*. Planck foi guiado pela sua imaginação criativa e pela história, alcançando o que poderíamos chamar de uma teoria original. A originalidade ao lado da criatividade pode ser considerada um dos valores mais altos da ciência na atualidade.

Jacob Bronowski (1973), historiador da ciência inglês, ao referir-se a Planck, diz o seguinte:

*Uma analogia que nasceu na mente de Planck, criada pela imaginação, levou a um conflito posterior na física quântica, entre o comportamento da matéria como onda e como partícula, e este pode ser visto como um conflito entre analogias, entre metáforas poéticas; cada metáfora enriquece nossa compreensão do mundo, sem chegar a completá-la. (tradução minha)*

Retomando o tema proposto, investigação e processo analítico, perguntariam provavelmente nossos leitores: como toda essa preleção e discussão quanto a métodos científicos pode contribuir com nossa exposição?

A epígrafe que apresentamos no início desta exposição ilustra, como já mencionamos, um determinado procedimento científico característico das ciências naturais e predominante nos métodos de investigação do século XIX. A psicanálise surge no final do século XIX, formulada magistralmente por Sigmund Freud, e sem dúvida sob a influência desse modelo científico.

Sabemos que Freud foi o gênio criador da psicanálise, capaz de, fazendo uso de sua experiência pessoal e sua criatividade, desenvolver ideias e proposições formuladas numa teoria que escapa e supera a tentativa de enquadrar a psicanálise no cientificismo do século XIX. De 1895, quando fez sua tentativa de elaborar o primeiro modelo teórico da psicanálise, até 1938, um ano antes de sua morte, Freud parecia determinado a construir uma disciplina que correspondesse ao modelo das ciências naturais (Bowlby, 1989).

No decorrer de sua vida, apesar de se reformular constantemente, de alterar substancialmente suas teorias e suas concepções, Freud manteve sempre presente a tentativa de ajustar a psicanálise ao modelo científico vigente. Esta, sabemos, é uma questão complexa e não pretendemos expandi-la aqui. Certamente Freud tinha seus motivos para tentar afastar a psicanálise das ciências humanas, da literatura e da arte e aproximá-la às ciências naturais e exatas.

Sem dúvida, proteger a psicanálise de uma dispersão e uma difusão exageradas e resgatá-la à área médica e científica foi uma de suas preocupações, considerando que lançava a semente de uma grande investigação que, além de necessitar de seriedade e dedicação para prosseguir, requeria também uma certa privacidade para

se desenvolver. No entanto, apesar dos esforços de Freud e de muitos de seus seguidores, o *status* científico da psicanálise continua equivocado até hoje.

Freud, como Darwin, não era homem de deixar qualquer hipótese sem investigação e sabia que o campo que propunha necessitaria de muito trabalho, da contribuição de outros analistas e de outras áreas do conhecimento para que pudesse ser expandido e aprofundado. Apesar de fazer incursões pelos terrenos da literatura, da história e da mitologia e de ter podido desenvolver e fazer um uso criativo e original de outros modelos científicos, como os da física e da arqueologia, de certa maneira orientado e influenciado pela perspectiva positivista da ciência de seu século, Freud insistia em adequar a psicanálise a algum dos modelos científicos já existentes, sem considerar a ideia de que a psicanálise necessitava criar seu próprio modelo metodológico.

Nossa proposta neste trabalho é considerar que, apesar de todo o desenvolvimento que mencionamos ter ocorrido nos procedimentos científicos no século XX, muitos de nós, analistas, permanecemos de certa maneira ainda atrelados a essa posição de Freud, sem de fato ultrapassarmos a preocupação de alcançar um *status* científico “à la século XIX” em nosso trabalho. Essa preocupação pode ser evidenciada, por exemplo, em trabalhos que buscam alcançar uma validação empírica da teoria psicanalítica, considerando a situação clínica como um laboratório interpretativo (Klein, 1948), ou enfatizando uma técnica de observação sistemática como capaz de verificação das propostas referentes ao desenvolvimento emocional (Spitz, 1960).

A dificuldade em tolerar a ambiguidade e a relatividade contidas em nossa disciplina pode ser talvez considerada responsável pela adoção do modelo científico que exige a verificação, a validação e a exatidão. Não é nossa intenção produzir um trabalho que

discuta e problematize a questão epistemológica da psicanálise, seja por falta de espaço nesta apresentação, seja por nos faltar a competência necessária para adentrarmos essa área. No entanto, consideramos impossível não colocar essa questão e pensamos que a proposição de Sandler (1977) de pensar a psicanálise como estando sujeita a um estado de “contínuo desenvolvimento orgânico”, desde seu início, pode ser útil.

Um estado de “contínuo desenvolvimento orgânico”, utilizando a terminologia de Sandler, ou de “contínua revolução paradigmática”, como proposto por Cruz Roche (1988), possibilitaria não só incluirmos a ambiguidade, a multiplicidade de sentidos e versões, como também considerarmos a psicanálise uma disciplina viva, não acabada, que a cada nova experiência pode ser expandida e ampliada.

Embora o corpo teórico da psicanálise seja construído em torno de alguns conceitos fundamentais, que necessitam ter definições precisas e claras, vemos que cada novo movimento, cada nova ideia concebida exerce pressão na teoria original, que poderá ser expandida se os avanços propostos forem considerados e incluídos em seu campo. Para que isso aconteça, é fundamental que os conceitos psicanalíticos e a própria conceitualização da psicanálise e de seu método sejam suficientemente flexíveis e permeáveis.

Considerando a psicanálise como disciplina viva, não acabada, em estado de contínua evolução e revolução, propomos a investigação de todo campo do pessoal e do interpessoal que se apresente como opaco e desconhecido como tarefa. Sabemos que é na clínica que os movimentos acontecem, é a partir daí que algumas colocações teóricas e técnicas passam a ser questionadas, ou seja, é a partir da experiência que movimentos inovadores ou questionadores da psicanálise evoluem.



Acreditamos que, levando em consideração a especificidade e a peculiaridade da psicanálise, podemos alcançar ainda um *status* de disciplina científica. Embora não adaptada a nenhuma das áreas científicas conhecidas e delimitadas, a psicanálise, por se constituir no exercício peculiar de uma disciplina que ainda está elaborando sua metodologia própria, busca definir-se mais claramente.

São exatamente essas peculiaridade e especificidade que pretendemos abordar, examinando como concebemos na realidade da clínica psicanalítica, no processo psicanalítico, a produção do conhecimento analítico. Como concebemos o método psicanalítico? Como o conhecimento analítico é obtido? Poderíamos observar o “inconsciente” como se este se aproximasse a uma planta carnívora? Que condições e ferramentas possuímos nesse processo de observação? Um laboratório?

E quando obtemos algo que consideramos um conhecimento verdadeiro sobre os fatos, estabelecemos causas e efeitos, podemos verificar e comprovar esses efeitos no tempo, construir teorias gerais a respeito da experiência?

Propomos muitas questões, sugerimos alguns caminhos, e certamente não pretendemos responder ou esclarecer todas essas dúvidas, mas, sem dúvida, discutir alguns desses pontos, tentando verificar se estamos caminhando em direção ao prosseguimento da investigação, como propôs e fez Sigmund Freud, ou se andamos por caminhos equivocados e estéreis.

Partimos da definição que propõe ser o processo psicanalítico um método de investigação da mente humana e de suas relações. Que a observação dos fatos se constitui num elemento fundamental dessa investigação não há dúvida, porém que fatos observamos? Em outras palavras, qual o “objeto” da observação e da investigação psicanalítica?

Podemos dizer que o objeto da psicanálise se inicia com a conceitualização do inconsciente e evolui no estudo deste e das características dos relacionamentos humanos que possibilitariam alcançá-lo. Ou seja, a transferência constitui-se no meio pelo qual podemos ter alcance ao objeto inconsciente.

O *status* científico da psicanálise poderia, então, estar conquistado caso se considere que esta estuda, nas relações de transferência e contratransferência, os fenômenos mentais humanos conscientes e inconscientes, sua origem e seu desenvolvimento numa rigorosa metodologia propiciada pelo *setting*. Este, sem dúvida, ao lado de certas condições propostas como disciplina para o analista, se constituiu no núcleo fundamental da metodologia psicanalítica.

Essa colocação pretende se mostrar neutra e objetiva; sendo os fatos captados, o objeto psicanalítico inconsciente desnudado, tornando-se possível a elaboração de uma interpretação, só restaria ao psicanalista comunicá-la adequadamente a seu analisando, que, vencendo as resistências, alcançaria a desejada mudança. Até esse ponto, dentro de uma perspectiva que propositalmente caricaturamos, as exigências propostas pela metodologia das ciências naturais seriam preenchidas e o *status* científico da psicanálise seria afirmado.

Em nosso ponto de vista, acreditar na possibilidade de neutralidade e objetividade da observação em psicanálise seria confundir o método com a própria essência da psicanálise, transformando-a numa ciência de laboratório, sendo o acontecer da experiência emocional equiparado à experiência de Darwin com o fagote de Frank e o inconsciente aproximado a uma planta carnívora, cujas leis de funcionamento necessitaríamos investigar.

Questionamos essa colocação em toda a sua extensão considerando que a posição e as condições do observador, a natureza do objeto psicanalítico e a produção do conhecimento em psicanálise

constituem-se pontos que requerem maior especificação. Tentando expandir algumas das perguntas que fizemos, vamos nos deter em considerações sobre essas questões, numa tentativa de contribuir para a compreensão do processo de investigação em psicanálise.

Considerando a psicanálise um processo de investigação, salientamos a importância da observação como um instrumento fundamental de trabalho. No entanto, enfatizar a observação da experiência, propô-la como um dos aspectos importantes do método psicanalítico não basta.

Sabemos que partimos da observação dos fatos como uma espécie de mola propulsora, para em seguida adentrarmos o terreno do que propriamente poderíamos chamar de psicanalítico. A própria conceitualização de “fatos” em psicanálise é polêmica. Certamente, em algum nível, lidamos com fatos, mas estes não se equiparam aos fatos da ciência tradicional. Visando enfrentar esse problema, alguns autores propuseram ser melhor conceitualizar nossos fatos como “relatos”, “experiências compartilhadas” (Ricoeur, 1991) ou “construções narrativas” (Schafer, 1983; Spence, 1982).

Na verdade, sempre estivemos às voltas com a necessidade de considerar as hipóteses psicanalíticas como equivalentes a qualquer outra hipótese científica, estando estas, assim, sujeitas a revisões e reformulações quando novos “fatos” surgissem. Estaríamos, então, próximos de acreditar que nosso objeto se assemelharia àquele da ciência em geral, um objeto que poderia ser observado como fato.

Consideramos, no entanto, que em psicanálise nos defrontamos com uma situação bastante diferente. Nosso objeto não apenas parece diferir fundamentalmente daquele descrito pela ciência tradicional, como mostra características que considerariamos hostis a esta. Dotado de uma peculiaridade talvez única na história da ciência, constitui-se num objeto que se apresenta ao observador de

forma imprecisa e fugaz, permanentemente buscando a penumbra e o esquecimento, dificultando não só a possibilidade de observação como sua captação.

A partir do momento que tentamos caracterizar nossa observação e nosso objeto, percebemos como a psicanálise se separa radicalmente de qualquer outra investigação científica, principalmente daquela conduzida por Charles Darwin.

Diferentemente do observador naturalista, o psicanalista precisa participar da experiência emocional psicanalítica, é um dos membros ativos da relação, e a sua apreensão desta vai ser importante elemento na captação e na elaboração do objeto psicanalítico. Melhor seria dizer que o psicanalista, munido de seus referenciais teóricos e de sua bagagem de experiências, constrói e organiza junto com seu analisando uma experiência emocional, em que o objeto psicanalítico emerge e pode ser captado.

Totais objetividade e neutralidade, valores tão caros à ciência tradicional, bem como a universalidade e a generalidade, certamente tornam-se impossíveis. Porém, longe de considerarmos essa situação defeituosa ou deficiente, acreditamos que essas são as características que vão definir a natureza de nossa disciplina e reforçar a necessidade de buscarmos uma metodologia própria e peculiar, que atenda de fato aos problemas que enfrentamos.

Nossas observações são, sem dúvida, únicas e particulares, não se repetindo. Contudo, apesar de únicas, nossas observações e, mais tarde, nossas conceitualizações apontam para determinadas configurações. Estas, sim, se repetem, e a partir delas derivamos nosso conhecimento teórico e clínico.

Posicionamo-nos ao lado daqueles que defendem a participação ativa do psicanalista no processo psicanalítico e propõem ser a partir do encontro psicanalítico que pode surgir a possibilidade de

contato e captação do objeto psicanalítico. Acreditamos, dessa maneira, estar oferecendo apenas um esboço para uma metodologia própria, que de forma imperfeita, mas eficiente para seus objetivos, propõe a experiência emocional, a relação intersubjetiva e sua observação como as condições de suporte para o alcance do objeto psicanalítico.

Neste momento, nos defrontamos com uma séria dificuldade, a de colocar em palavras, de forma adequada e eficiente, nossas ideias, para que tenhamos êxito nesta exposição. Este é sem dúvida um dos maiores problemas da psicanálise: encontrar, como menciona Bion (1969), uma “linguagem de êxito” que não só possibilite nosso alcance ao analisando, mas corresponda de fato à experiência que vivenciamos e queremos nomear.

Decidimos, então, recorrer novamente ao uso de um modelo. Em psicanálise, os modelos podem ser definidos como “construções hipotéticas” que emergem da dialética entre a experiência clínica do analista e sua necessidade de organizar os dados em um sistema referencial abstrato.

Para alcançar o objetivo desejado, iniciamos este trabalho com uma epígrafe em que o modelo das ciências naturais, como proposto por Charles Darwin, era evidente. Pretendemos agora, para finalizar, propor outra experiência como modelo, que possibilitará talvez considerar a questão do objeto e do observador de outra perspectiva.

*Num dia aprazível e brilhante, nos defrontamos com um lago, que reflete em suas águas a imagem de árvores que se encontram perfiladas na margem oposta ao observador. A imagem oferecida pelas árvores havia sido transformada em seu reflexo e este era constantemente transformado pelas mudanças atmosféricas e*

*pelas mudanças de posição do observador. (Bion, 1965, p. 47, tradução minha)*

Percebemos que, numa experiência assim, o observador seria capaz de reconhecer com certa facilidade o objeto que está refletido na superfície e caracterizá-lo como “árvores”. Desde que as condições que alteram o reflexo, as atmosféricas, não sejam muito adversas, e que não seja requerido ao observador que se pronuncie sobre detalhes que estejam além de sua possibilidade de especificar, não lhe será difícil discorrer sobre seu objeto de observação.

*As mudanças atmosféricas, da luz para a obscuridade, ou da calma para a turbulência, influenciariam sem dúvida a transformação, às vezes de forma tão intensa que o observador teria de exercitar sua capacidade de percepção ao máximo para poder deduzir a natureza do objeto . . . No modelo proposto, as árvores à beira do rio são tidas como manifestações do O (objeto desconhecido) . . . qual a contraparte deste objeto em psicanálise? . . . “O” pode ser qualquer circunstância da vida do analisando . . . eu postulo então que O (objeto desconhecido), em qualquer situação analítica, está igualmente disponível para a transformação tanto pelo analisando como pelo analista. (Bion, 1965, p. 47, tradução minha)*

Nesse modelo oferecido por Bion, a noção de transformação é explicitada: o reflexo no lago, embora distorcido pela brisa, continua a ter relação com o objeto. A experiência original, a realização, é transformada numa representação e numa posterior enunciação.

Pensamos que esse modelo, embora simples, principalmente se contraposto ao modelo de Darwin, pode oferecer uma visão adequada e muito significativa do que queremos oferecer aqui como proposta para o prosseguimento da investigação psicanalítica. Reconhecemos nele uma origem diferente daquela das ciências naturais e exatas. Estas, poderíamos dizer, partiram de Aristóteles, enquanto a ideia de reflexo e transformação, sem dúvida, remonta a Platão.

Embora pudéssemos começar dessas origens para caracterizar as diferenças e buscar as semelhanças, pretendemos apenas salientiar alguns aspectos desse outro modelo que caracterizam bastante bem nossas propostas.

Um observador em psicanálise só pode ter alcance ao reflexo, ou seja, à transformação que inicialmente seu analisando faz e que, num segundo momento, ele, analista, norteado por sua bagagem experiencial e teórica, transformará novamente. Não temos dúvida de que a cada novo passo as transformações se afastam do objeto original, ou seja, da experiência mesma que foi vivida e sobre a qual tentam conjecturar algo. Porém, embora por um lado se afastem, por outro ampliam e expandem, num movimento espiral, a possibilidade de conhecimento sobre aquele objeto, aquela experiência.

Como mencionou Bronowski (1973), citado no início do trabalho, as metáforas e as analogias não alcançam a completude daquilo a que se referem, porém esse é seu objetivo: revelar e, ao mesmo tempo, deixar algo do objeto ou da situação considerada escondido (o princípio da tolerância). As árvores à beira do lago são manifestações do objeto desconhecido que se pretende descobrir. As perturbações, as turbulências externas e internas, procuram esconder e deformar esse objeto que se mostra e, ao mesmo tempo, se esconde.

Nesse modelo apresentado, é evidente que as condições para a observação vão ser fundamentais. Frente a uma tormenta, quase nada ou nada pode ser observado do reflexo na água. Sabemos que tormentas e turbulências são estados comuns e constantes em uma psicanálise, tanto para o analisando como para o analista. Como já mencionamos, a posição do psicanalista é ativa e participante, suas intervenções alteram e modificam o objeto. E, dentro dessa perspectiva, quanto mais a superfície do lago estiver tranquila, quanto mais claro o dia e mais nítido o reflexo, mais próxima, embora nunca completa, será a transformação do objeto mesmo. Mas, é útil reafirmar, continuará sempre sendo apenas uma transformação, e não outra coisa.

Freud recomendou que o psicanalista adotasse a “atenção fluante” em seu trabalho, de maneira que suas associações livres complementassem as do analisando, sendo até mesmo provocadas por estas. Sem dúvida, as interpretações formuladas pelo psicanalista também repercutirão provocativamente no analisando. Dessa maneira, se estabelece uma cadeia sequencial associativa na qual os participantes da relação, vivenciando a experiência emocional do momento e sendo afetados por esta, encontram-se num processo dinâmico, capaz de conduzir à aproximação e à evolução do conhecimento.

O conhecimento psicanalítico emerge no contexto dessa relação intersubjetiva, que busca sempre o alcance ao novo, ao nunca antes formulado, o “incognoscível” que nos desafia permanentemente com suas infinitas transformações.

Estamos cientes de que a todos aqueles ainda tomados por certa “nostalgia positivista”, ou talvez por uma espécie de lealdade incontestável a nossas origens psicanalíticas, nossas colocações parecerão frouxas e pouco acrescentarão ao já existente. Essa posição de “nostalgia positivista” fala-nos dos primórdios da psicanálise,



quando o próprio Freud ainda lutava em busca de uma psicanálise científica, nos moldes do século XIX. Talvez até hoje sejamos muitas vezes tomados por uma necessidade de nos preocuparmos com a “objetividade” de nossas percepções “subjetivas”, produzidas em sua maior parte pela empatia e pela intuição, sabendo que estas seriam repudiadas pela ciência tradicional.

Quando mencionamos as mudanças que ocorreram nos modelos científicos no século XX e fizemos uso do exemplo de Planck e das observações de Bronowski, pretendíamos exatamente apontar para a possibilidade de avançarmos em nossa disciplina fazendo uso da imaginação, da criatividade, sem o temor de estar com isso infringindo padrões científicos ou abandonando pretensões metodológicas. Propomos justamente o abandono dessa preocupação, considerando que só poderemos prosseguir no caminho da investigação iniciada por Freud levando em conta e expandindo ao máximo nossa experiência emocional, nossa capacidade de reflexão criativa e imaginativa.

Cada experiência psicanalítica dentro de uma perspectiva assim se propõe como detonadora de uma “crise” no que consideraríamos a teoria do conhecimento estabelecida e vigente. Cada psicanálise que realmente promova e proponha a evolução do conhecimento, o alcance a algo novo e desconhecido, termina por exigir do psicanalista que coloque seu saber em dúvida, que acolha a “revolução paradigmática” como inevitável.

Para realizar uma investigação da mente humana e de suas relações, como propõe a psicanálise, o investigador necessita estar num estado de constante questionamento. Embora não possa alterar todos os dias seus referenciais teóricos, sua técnica e seu estilo, estes devem ser colocados em dúvida e revistos constantemente.

A experiência clínica e o contato com as diversas e diferentes teorias que fazem parte do complexo campo psicanalítico não

param de nos desafiar. Aceitar esse desafio provavelmente significa levar adiante a investigação e o conhecimento. Afinal, não foi esse o caminho trilhado por Sigmund Freud?



## *Ana Maria Azevedo*

Psicanalista, analista didata da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP) e analista de crianças e adolescentes. Na SBPSP, foi presidente de 1988 a 1992, e na Associação Internacional de Psicanálise (IPA), foi secretária-geral e, posteriormente, vice-presidente por dois biênios, 1997-1999 e 2000-2002. Redatora da *Revista Brasileira de Psicanálise* de 1983 a 1985 e editora associada da *Revista Caliban*, da Federação Psicanalítica da América Latina (Fepal).

*série*

*Escrita Psicanalítica*

*Coord. Marina Massi*



PSICANÁLISE

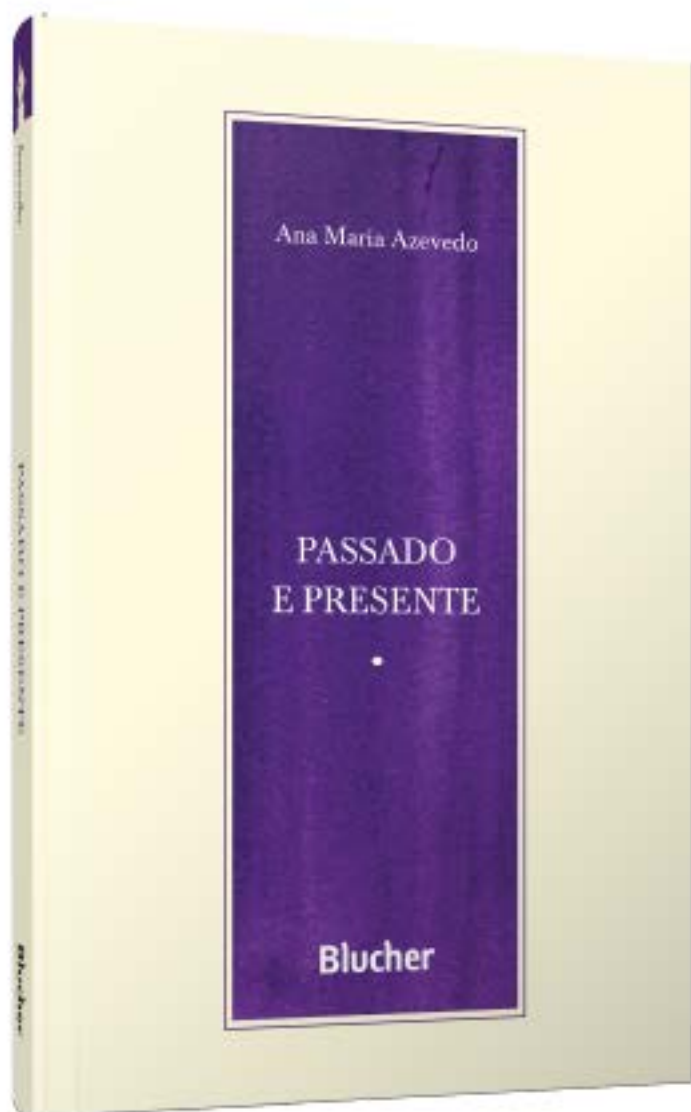
ISBN 978-85-212-1929-3



9 788521 219293

[www.blucher.com.br](http://www.blucher.com.br)

**Blucher**



Clique aqui e:

**VEJA NA LOJA**

## **Passado e Presente**

---

**Ana Maria Andrade Azevedo**

ISBN: 9788521219293

Páginas: 452

Formato: 14 x 21 cm

Ano de Publicação: 2021

---